

## RELIGIÃO CATÓLICA E EDUCAÇÃO: diálogo entre Santo Agostinho e Padre Azarias CATHOLIC RELIGION AND EDUCATION: dialogue between Saint Augustine and Priest Azarias

Francisco Joel Magalhães da Costa - UFC<sup>1</sup>

Antônio Roberto Xavier - UNILAB<sup>2</sup>

José Rogério Santana - UFC<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva demonstrar, primeiramente, as contribuições educacionais de Santo Agostinho e Padre Azarias em seus respectivos lócus de ação e atuação. Em um segundo plano, este artigo busca entender sobre a utilização da educação pela igreja católica visando o desenvolvimento e manutenção das doutrinas cristãs, ações, conquistas políticas e territoriais. Em seguida, o trabalho consiste em descrever algumas semelhanças e contribuições didático-pedagógicas de Santo Agostinho e de Padre Azarias Sobreira sobre os quais destacamos alguns vitrais biográficos. O primeiro, natural de Tagasta, Norte da África, bispo de Hipona, filósofo, escritor e professor, deixou como principal legado nos domínios da educação os pressupostos de uma educação humanística, integral e transdisciplinar. Na perspectiva da educação agostiniana não basta que o aluno somente conquiste o domínio dos conteúdos, mas que saiba relacionar tal domínio com uma realidade maior com valores e princípios que o conduzam a uma vida sábia. Por outro lado, Padre Azarias Sobreira, filho de Juazeiro do Norte, Sul do Ceará, filósofo, filólogo, escritor, professor e educador humanista exerceu inúmeras funções gestoras eclesiais e educacionais, tendo se destacado na literatura regionalista e historiográfica dos costumes populares. Em conclusão, o estudo constatou que a educação tem sido uma forte aliada da Igreja Católica para a conquista de fiéis, disseminação da exegese católica, poder político e territorial, e mostrou muitas semelhanças entre Santo Agostinho e Padre Azarias, apesar da distância no tempo e no espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Católica; Poder; Educação.

### ABSTRACT

This article aims to demonstrate, first, the educational contributions of Saint Augustine and Padre Azarias in their respective locus of action and action. In a second, this article seeks to understand about the use of education by the Catholic Church aiming at the development and maintenance of Christian doctrines, actions, political and territorial achievements. Next, the work consists of describing some similarities and didactic-pedagogical contributions of Saint Augustine and Padre Azarias Sobreira, on which we highlight some biographical stained glass. The first, born in Tagasta, North Africa, bishop of Hippo, philosopher, writer and teacher, left as the main legacy in the field of education the presuppositions of a humanistic, integral and transdisciplinary education. In the perspective of Augustinian education it is not enough that the student only conquered the mastery of contents, but that he / she knows how to relate that domain to a greater reality with values and principles that lead him to a wise life. On the other hand, Father Azarias Sobreira, son of Juazeiro do Norte, South of Ceará, philosopher, philologist, writer, teacher and humanist educator, exercised numerous ecclesiastical and educational functions, having distinguished himself in the regionalist and historiographic literature of popular customs. In conclusion, the study found that education has been a strong ally of the Catholic Church for the conquest of believers, dissemination of Catholic exegesis, political and territorial power; and showed many similarities between St. Augustine and Padre Azarias, despite the distance in time and space.

**KEYWORDS:** Catholic Church; Power; Education.

DOI: 10.21920/recei72018411438449

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72018411438449>

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela UFC. E-mail: [joelmagalhaes1@gmail.com](mailto:joelmagalhaes1@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8693-2954>

<sup>2</sup> Pós-doutorando em Educação pela UFC. E-mail: [roberto@unilab.edu.br](mailto:roberto@unilab.edu.br) / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3018-2058>

<sup>3</sup> Pós-doutor pela UFPB. E-mail: [rogerio@virtual.ufc.br](mailto:rogerio@virtual.ufc.br) / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8327-5864>

## INTRODUÇÃO

O tema deste estudo abordou a relação entre religião e educação, destacando momentos temporais: o primeiro, no séc. IV, no norte da África e Europa, nos tempos de Santo Agostinho, do cristianismo primitivo e da institucionalização da Igreja; e o segundo, no final do séc. XIX e início do séc. XX, no Brasil, no estado do Ceará, nos tempos de Padre Azarias, das ideias reformadoras dos liberais, positivistas e ultramontanos, da proclamação da república, do fim do padroado, da perda da hegemonia religiosa da Igreja Católica e da romanização.

O objetivo geral foi compreender, a partir dessa relação, o uso da educação a serviço da religião, em especial, por parte da Igreja Católica que a utilizou e ainda utiliza, para a sua propagação, desenvolvimento e manutenção das doutrinas cristãs, conquistas políticas e territoriais. Este objetivo maior suscitou um objetivo específico, que foi descrever e entender o cotejamento entre as ações de Santo Agostinho e Padre Azarias Sobreira, dois personagens que serviram às causas da Igreja usando a educação como instrumento de crescimento pessoal e espiritual, de cunho íntimo; e o eclesial, do ponto de vista institucional.

Este artigo se justificou a partir do seu conteúdo; o que ele representa como fonte histórica e teórica para os demais pesquisadores, tamanha a sua importância, pois, destaca duas categorias transformadoras. De um lado, a religião, que tem o poder de modificar o comportamento humano e a capacidade de interferir e/ou transformar uma sociedade; de outro lado, tem-se a educação com as mesmas capacidades, cujas consequências dessa fusão são imensuráveis.

Embora seja um tema bastante pesquisado e posto à vista de acadêmicos e não acadêmicos, não há um estancamento do assunto, este cruzou tempos e espaços, até os dias de hoje, e ainda se mantém atual, permeando a sociedade religiosa e secular de forma atuante.

Nessa tessitura, destacou-se a analogia de dois personagens importantes: Santo Agostinho, de uma temporalidade e espacialidade distantes da nossa, cujos conceitos perduram em nosso tempo; e com maior destaque para Padre Azarias, diferentemente de Santo Agostinho, que não foi, e não é uma figura histórica universal, mas, com grande destaque no cenário cearense, especialmente, no cenário caririense. Ele que, mesmo distante no tempo e no espaço, seguiu trilhas semelhantes à de Santo Agostinho, nos campos eclesiástico e educacional. Esta ação traz à tona um ator, importante para o desenvolvimento educacional do Ceará, pouco conhecido do público acadêmico, mas que merece todo o reconhecimento pelo trabalho prestado.

O percurso metodológico partiu de uma pesquisa bibliográfica-descritiva, cuja preocupação foi descrever os fatos; e buscar associações entre os dois personagens citados anteriormente. Para isso, foram usados livros e artigos de autores familiarizados com o tema, de maneira geral, e de autores contemporâneos e próximos de Padre Azarias. Por exemplo: o breve histórico de vida de Santo Agostinho, foi extraído da obra *A cidade de Deus*<sup>4</sup>, o que permitiu a interlocução com o breve histórico de vida de Padre Azarias, forjado de forma retalhada, cujo maior volume foi extraído da *Antologia*<sup>5</sup>, escrito por sua irmã.

Vale frisar, que o terreno de informações sobre Padre Azarias é muito árido. Virtualmente, as publicações relacionadas ao Padre Azarias são escassas; e não há nenhum trabalho acadêmico, em nível de dissertação ou tese, exceto um artigo publicado na Revista

<sup>4</sup>AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

<sup>5</sup>ARAÚJO, Raimundo. *Centenário de nascimento de Padre Azarias Sobreira 1894-1994*. Juazeiro do Norte/CE: IPESC, 1994.

Instituto do Ceará, intitulado Sobre o centenário do padre Azarias Sobreira, por Barros e Casimiro (1994), e outro pelas Edições Ipesc, chamado Centenário de nascimento de padre Azarias Sobreira 1894-1994, por Araújo (1994).

Seguindo o percurso estratégico-metodológico, surgiu a necessidade do método comparativo, para que houvesse a possibilidade de analogia entre os dois personagens, em destaque anterior. Este método, segundo Gil (2008), parte da investigação de várias categorias, entre elas, a de indivíduos, visando destacar as diferenças e similaridades, possibilitando o estudo comparativo.

Ainda no passo a passo da metodologia, o artigo foi dividido em quatro tópicos, a saber: A educação a serviço da religião ao longo dos tempos; Santo Agostinho, o bispo de Hipona; A educação como objeto de expansão e dominação no contexto eclesiástico católico brasileiro; Padre Azarias em sua formação sacerdotal e intelectual; e considerações finais.

Deste modo, o artigo que segue busca demonstrar e compreender o desenvolvimento e a relação da educação pela e com a igreja católica no tocante à divulgação, consolidação das doutrinas cristãs e conquistas de poder, territórios e espaços de ação e atuação da exegese da fé cristã católica.

## A EDUCAÇÃO A SERVIÇO DA RELIGIÃO AO LONGO DOS TEMPOS

Entre os povos primitivos, o mito é a base de aquietação diante do mundo desconhecido; é a estrutura de todas as atividades e cerimônias, que, segundo Monroe (1984, p. 02), “[...] tais cerimônias possuem função educativa. Desta forma as gerações mais jovens vão sendo constantemente instruídas na tradição do passado, isto é, no que constitui a vida intelectual e espiritual desses povos”. O mito é a verdade que esses povos intuem e vivem na sua relação com a Natureza, é o meio de compreender a realidade. Esta compreensão não é racional, mas se dá pela crença.

A religião parece estar conectada ao que é pertinente ao Homem e a ele próprio, desde os primeiros tempos da humanidade. Esta, está ligada a questões existenciais, que, segundo Gaarder (2000), formam a base das religiões existentes, e afirma que toda raça ou tribo, que se tenha conhecimento, não tenha tido algum tipo de religião.

Seguindo nessa linha existencialista, na qual o homem é caracterizado por sua vivência como indivíduo, através de suas ações e sentimentos, lê-se em Feuerbach (2007) que Schleiermacher, discípulo de Hegel, apontou o sentimento como explicação da religião, e nessa lógica, o próprio Feuerbach afirmou que a Religião é antropologia: no sentido de que o homem projetava nos deuses os seus anseios, amores e sentimentos mais profundos. Entre esses sentimentos profundos estão o medo e a ignorância do futuro, e são eles que, segundo Hume (2005), origina a religião.

A conexão do Homem com a religião mostra a necessidade daquele, desta ligação, para se conectar com o mundo e consigo mesmo. Entretanto, segundo Russell (1982), a religião é um fenômeno complexo, pois ela apresenta ao mesmo tempo o aspecto individual e aspecto social. Neste vínculo importante entre a religião e a vida social dos indivíduos, foi visto homens e instituições buscando mais conhecimentos sobre a religião e de como transmiti-los, visando capital intelectual e econômico, muitas vezes, para benefício próprio.

Nesse sentido, a religião se utiliza da educação, usando-a como meio mais eficaz para a sua propagação, desenvolvimento e manutenção de suas doutrinas. Essa relação é vista em Gaarder (2000), quando ele diz que foi através da educação, que Confúcio se tornou um sábio, passando a atrair uma multidão de discípulos. Para Confúcio, o homem era naturalmente bom, e que o mal brotava pela falta de conhecimento. No Islamismo, o homem para ser um bom

dirigente, em especial, um bom dirigente das orações, necessita de uma boa educação teológica; e no cristianismo, as cartas de Paulo e suas ações eram destaques na educação dos novos cristãos.

Dentro desta visão idealizadora, e porque não dizer empreendedora, os apóstolos e presbíteros formaram a igreja primitiva, esta consistia no cristianismo primitivo, que logo se propagou devido os ensinamentos daqueles, ministrados aos novos cristãos.

A igreja primitiva teve início no séc. I e foi até a formação da Igreja Católica, no século IV, através de decretos do imperador Constantino. Foi nesse período que surgiu a filosofia patrística, pelas mãos dos padres da igreja, “[...] cujas principais preocupações são as relações entre a fé e ciência, a natureza de Deus e da alma e a vida moral”(ARANHA; MARTINS, p. 143, 1993). Nesta aliança entre fé e ciência ou razão, esta era subordinada àquela, cuja doutrina se opunha às heresias e ao paganismo, forças que ameaçavam a unidade católica.

Entre os principais representantes da filosofia patrística ou filosofia dos Padres da Igreja, Santo Agostinho estava presente por influência de seus conceitos e obras filosóficas, especialmente, sobre a doutrina cristã. “A Igreja primitiva estava lançada na reforma moral do mundo, na destruição do estado social [...]; por esta razão ela voltava toda sua atenção para a educação moral dos seus próprios membros e desse modo para a regeneração da sociedade” (MONROE: 1984, p. 100). Esta era uma tendência educacional que valorizava a moral e a ética, em detrimento aos elementos intelectuais.

Os tratados de Santo Agostinho também influenciaram o pensamento escolástico, no séc. IX. A escolástica, segundo Japiassú e Marcondes (1996, p. 96), “[...] significa originariamente “doutrina da escola” e que designa os ensinamentos de filosofia e teologia ministrados nas escolas eclesiais [...]”. Àquele período, segundo Ariès (1981), as escolas e colégios eram destinados a poucos clérigos, que no início dos tempos modernos se tornaram instrumentos de isolamento e adestramento das crianças, durante a formação moral e intelectual.

O predomínio da fé sobre a razão percorreu o período medieval sob as tendências filosóficas: a Patrística, fundamentada pela filosofia platônica; e a Escolástica, alicerçada pela filosofia aristotélica. Sabe-se, que nesse período medievo, a educação estava nas mãos da Igreja, ou seja, a educação estava predominantemente nos mosteiros, voltada para os clérigos. Esta aproximação entre fé e razão permaneceu até a decadência da escolástica e perda de poder da Igreja, com início do renascimento, no Séc. XVI.

Este período de transição, entre a Idade Média e Idade Moderna, chamado de renascença, provocou inúmeras mudanças: da concepção teocêntrica pela antropocêntrica; das virtudes da alma pelos valores da vida terrena; e da compreensão das coisas, primordialmente através da fé, pela observação e experimentação.

É racional ressaltar que a práxis filosófica e o “poder simbólico” da religião católica foram e ainda são decisivos para a formação da *intelligentsia* da sociedade, sobretudo no mundo ocidental e no Brasil mais especificamente. Porém, se por um lado a instituição igreja católica se consagrou como a mais forte organização solidária (após o fim do império romano do ocidente) de ensino humanístico voltado aos princípios da ética, da moral, de respeito e amor ao próximo, por outro lado, essa mesma instituição exerceu sempre uma forma de poder diante da sociedade antes e concomitantemente ao estado laico, seja pela via do poder político explícito ou pelas formas não vistas do poder simbólico que se traduz como

[...]um poder de construção da realidade que tende estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da

causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 2002, p. 09).

Esse poder simbólico da religião católica é um tipo de poder como sistema simbólico, cuja estrutura possibilita as funções sociais e que, ao longo da história, ao lado do poder militar e político, se constituiu em um dos bastiões da sociedade. Com efeito, a religião é um dos sistemas simbólicos de integração disciplinadora que busca significado para a vida social. Exerce um poder de realidade pessoal e social. Nesse sentido, é que a religião pertence ao humano e a sociedade, a religião é um fato social e deve ser analisado como tal (DURKHEIM, 1989).

## SANTO AGOSTINHO, BISPO DE HIPONA

A patrística teve como um dos grandes representantes, Santo Agostinho, o nosso primeiro personagem, envolvido nessa escrita entre religião e educação; nascido no ano de 354 da era cristã, com o nome de Aurelius Augustinus, em Tagasta, cidade antiga da Argélia, Norte da África.

A formação religiosa e educacional de Santo Agostinho teve total apoio dos pais, principalmente de sua mãe. Ele, um pequeno burguês, pagão e decurião de uma ordem da cidade, chegou ao sacrifício pela educação do filho, e mesmo pagão, iniciou o filho aos sacramentos cristãos. Ela, Mônica, mulher austera, de muita fé e elevada moral, acompanhou mais de perto a formação do filho, em especial, a formação sacerdotal.

Antes de ser mandado para a escola, Santo Agostinho se viu à beira da morte, devido uma grave doença, o que exigia o batismo, pois era costume da época, este ser efetivado, somente na hora da morte, mas ele sobreviveu e deu início a sua jornada formativa.

Sua formação educacional teve início em Tagasta, cuja primeira experiência, como aluno, não foi das melhores, pois se tratava de um ensino tradicional, no qual as brincadeiras eram tolhidas; o açoite e palmatória eram usados no castigo, como correção.

O ensino em Tagasta se limitava às primeiras letras, exigindo a sua transferência para Madaura, e depois para Cartago, à época, estava entre as grandes cidades do Império, como Roma, Alexandria, Antioquia e Constantinopla. Isso só foi possível por causa da ajuda financeira de Romaniano, amigo da família, pois seu pai estava em dificuldades financeiras para custear os seus estudos.

Para a continuidade de seus estudos e sua permanência em Cartago, Mônica, sua mãe, contou novamente com a ajuda de Romaniano, pois já não contavam mais com a vida, nem ajuda de seu pai, Patrício. A morte deste, deixou-o no emaranhado de sentimentos, e foi nesse momento que ele teve contato com a obra Hortênsio, de Marcos Túlio Cícero, que o levou à Filosofia; a um novo pensar; e o despertou para as escrituras. Mesmo com o despertar para o cristianismo, Santo Agostinho se apegou ao maniqueísmo<sup>6</sup>. Nesse período, o cristianismo tinha muitos inimigos, como a seita maniqueísta, os magos, os astrólogos e o donatismo<sup>7</sup>.

Após os seus estudos em Cartago retornou à Tagasta, e no pequeno período que permaneceu, fundou uma escola de gramática; viu nascer seu filho Adeodato, e novamente se ausentou de Tagasta para assumir uma cadeira de retórica em Cartago, onde passou a se dedicar, além de sua atividade como professor, à leitura, em especial, de Aristóteles e à escrita,

<sup>6</sup>Filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo cristão do século III, que divide o mundo simplesmente entre Bom, ou Deus, e Mau, ou o Diabo.

<sup>7</sup>Doutrina religiosa cristã fundada por Donato, bispo de Cartago, durante o séc. IV, (reprovado pela maioria da Igreja católica).

vindo a escrever o seu primeiro livro, antes do seu batismo cristão. Depois disso, já convertido ao cristianismo, escreveu muito mais, até a morte.

Embora com todos esses compromissos em Cartago, Santo Agostinho foi para Roma, um sonho permanente em sua mente, até aquele momento. Lá, encontrou-se com seu amigo de sempre, Alípio, desde os tempos de Tagasta. Este, o apoiou durante uma doença grave e, ajudou também, na conquista dos primeiros alunos, e principalmente, no concurso ao cargo oficial de professor de retórica, em Milão.

Uma vez em Milão se preocupou em conhecer Bispo Ambrósio, disciplinado na fé católica. Logo, tornou-se seu grande admirador, por sua postura perante ao cristianismo, considerando-o, um tempo depois, como a um pai.

Antes de retornar à Tagasta, Santo Agostinho perde a sua mãe, Mônica, ainda em Milão. Uma vez em sua cidade natal, funda um mosteiro, retoma e completa os seus estudos sobre as sete artes, no entanto, nem tudo era paz e tranquilidade em Tagasta, pois morre seu filho Adeodato, ainda muito moço.

Passado um tempo da morte de Adeodato, Santo Agostinho retoma o ritmo monacal de antes. Nesse período, é convidado para uma consultoria em Hipona, cujo bispo era Valério, que o torna sacerdote e seu coadjutor, atraindo para si um novo múnus, como pregar, batizar e catequizar, aumentando cada vez mais o seu prestígio junto à comunidade católica, à população local e além-fronteiras. Prestígio este, que o levou ao episcopado de Hipona.

O episcopado, de qualquer lugar e de qualquer tempo, sempre exige muitas responsabilidades, novas tarefas e desafios. Com Santo Agostinho não foi diferente. Ele, além de administrar operacional e judicialmente os bens da igreja, administrava as ações espirituais. Fora tudo isso, ainda combateu até a morte, no dia 28 de agosto de 430, as forças hereges e dissidentes, que ameaçavam a unidade católica, com suas palavras e seus escritos sobre a verdade cristã.

O pensamento ou filosofia de Aurelius Augustinus (Aurélio Agostinho), mais tarde Santo Agostinho é uma permanente busca da verdade que só pode ser revelada pelo divino e não pela ciência dos homens. Quando jovem, Agostinho se aproximara do neoplatonismo até se converter em cristão católico. Agostinho é reconhecido como Santo tanto pela Igreja Católica como pela Anglicana. É também reconhecido como Doutor da Igreja, título raro concedido pela instituição, e representante maior da Patrística, Escola dos Padres (BROWN, 2005).

Santo Agostinho deixou um significativo legado na e para a filosofia, história e educação. Suas ideias cognitivas estão fincadas na tríade: conhecimento, sabedoria e amizade. Esta seria a base para se viver sabiamente no mundo. Para Agostinho, esta base dependia do diálogo e compartilhamento coletivo com e na comunidade em que se está inserido. Para tanto, o papel da educação seria o de impregnar esses valores nos aprendentes com amor fraternal, paternal e maternal. Em Agostinho, a pedagogia e os procedimentos didáticos devem partir da realidade dos alunos e os conteúdos devem ser compreendidos para se associar a algo maior e real na vida dos discentes. A autoridade docente deve ser uma conquista através de sensatez e respeito mútuo (AGOSTINHO, 1956, 1999, 2003).

Os escritos de Santo Agostinho foram em torno de 110 obras, entre livros e epístolas, sobre filosofia e outros campos do conhecimento. Entre os seus trabalhos, destacam-se obras como: A cidade de Deus, iniciada em 413 e acabada em 426; De magistro; e Confissões. Ele iniciou os seus trabalhos em 386, aos 32 anos, até a sua última obra, em 429; e, em 28 de agosto de 430, morre aos 75 anos. Esse foi o legado que deixou, porque bens não tinha, havia doado à Igreja, quando de sua ascendência ao episcopado.

## A EDUCAÇÃO COMO OBJETO DE EXPANSÃO E DOMINAÇÃO NO CONTEXTO ECLESIASTICO CATÓLICO BRASILEIRO

Desde os tempos remotos, o homem convive com o objeto. O desejo daquele é ter domínio sobre este. Primeiro conhece, depois o conduz a seu bel-prazer, de acordo com suas conveniências. Há uma força racional de conhecer e manipular o objeto, não importa se no mundo aparente ou real, se no mundo sensível ou das ideias.

Entretanto, em alguns contextos, o homem é sujeito e objeto, ao mesmo tempo. Num momento ele é sujeito, enquanto age sobre a natureza, enquanto produz como ser social, porém, também se constitui em objeto quando da reação de suas próprias ações e de ações de outros sujeitos. Parece haver uma distinção entre sujeitos, uma divisão de espécie e de classes, de acordo com o capital social, político, cultural e econômico. Esta divisão mostra as múltiplas facetas do sujeito e sua linha de conduta, em suas relações.

De acordo com as suas relações, o sujeito se torna objeto de domínio ou dominação, de exaltação ou de vergonha, de poder ou de subjugação. Dependendo do contexto, o glamour e o status valem mais, o mundo não é dos humildes, nem dos abnegados; em outro contexto, o dinheiro é o poder, subjugando o amor, a paixão e a caridade; e no contexto cultural, o conhecimento deveria servir apenas para o homem encontrar a si e orientá-lo no percurso pessoal e sociopolítico, visando um equilíbrio entre si e suas relações e objetos que lhe cercam, no entanto, há também no campo cultural, como em outros campos, o conflito entre quem sabe mais ou menos, onde a educação é usada como ferramenta de dominação, alienação e poder (BOURDIEU, 2002; IANNI, 2004).

Nessa direção, é permitido e alertador lembrar que

A educação tem sido, pelo menos nos últimos séculos de nossa civilização, um veículo certo de manutenção de privilégios e um instrumento bastante hábil de sustentação do “status quo”. Por todo este tempo, a escola tem se destinado aos filhos da nobreza e da burguesia, e estes, através da educação, confirmavam simplesmente a posição de elite de suas respectivas famílias. Enquanto isso, aos filhos dos trabalhadores, dos pequenos funcionários, dos artesãos, reservavam-se apenas escassas oportunidades de um aprendizado elementar, de preferência realizado no seio da própria família ou da comunidade, que os preparasse para assumir, no devido tempo, as mesmas funções desempenhadas tradicionalmente pelos de sua classe (TOSCANO, 1994, p. 30).

Historicamente, a educação é utilizada como objeto de poder e domínio, seja de forma clara, simbólica ou ideológica. Ela é usada na condução de conquistas intelectuais, econômicas, políticas e territoriais. Esta ação nos remete à Igreja Católica quando da reação frente à Reforma; e da busca de novas terras com a expansão marítima, atrelada ao processo de romanização. Neste sentido, concordamos com Marx (1978) e Freire (1976, 1996) de que a educação é ideológica. Mas, a luta dá-se em defesa de uma educação para a emancipação humana no sentido cognitivo, libertário e autônomo, cuja função da educação é levar o ser humano a ousar na sua ação, a criar através da ação. Para tanto, esse ser humano precisa de liberdade e a educação tem a função precípua de fomentar a liberdade para que o ser se energize em atos com todo seu espírito (BERGSON, 1941).

Esse processo no Brasil, de monopólio eclesial e dominação territorial pela educação, teve início no período colonial com a chegada dos padres de variadas vertentes cristãs, principalmente pela Companhia de Jesus. Esta companhia, segundo Costa (2016, p. 28),

[...] no contexto da Contrarreforma ou Reforma Católica, foi criada em 1534, [...] por Inácio de Loyola, cujo objetivo principal era a missão de evangelizar e educar. O trabalho missionário e educacional, em especial nas “novas terras descobertas, ficaria a cargo de seus membros, chamados jesuítas, totalmente obedientes à doutrina da Santa Sé.

Em suas primeiras ações, a educação serviu para amenizar as relações e acalmar os ânimos dos nativos, assim como, catequizar e cristianizar a população local e pagã. Em segundo momento, a educação foi utilizada para ampliação do projeto, com a construção de colégios e seminários, em todas as partes do território brasileiro.

Nesta territorialidade eclesial foram criados dioceses e seminários em pontos geográficos estratégicos, que teve como ponto de partida o bispado da Bahia, em 1555. Depois vieram os bispados do Rio de Janeiro (1676); de Olinda (1676); do Maranhão (1677); do Pará (1719); e de Mariana, em Minas Gerais, em 1745.

Os seminários eram criados juntos às dioceses. Aqueles, segundo Castelo (1964, p. 57), “[...] criaram a principal elite orientadora da sociedade brasileira, num polimorfismo de atividades humanas, que alicerçavam a Pátria com princípios morais, cívicos e religiosos”. Estes princípios eram resolutos e firmes nos propósitos de consolidar e propagar o que a Igreja estava conquistando.

Nesta visão expansionista, o governo brasileiro autorizou, pela Lei n.º 698 - De 10 de agosto de 1853, a criação do bispado de Diamantina e o bispado do Ceará. Neste estado, também foi usada a mesma estratégia geográfica, iniciada pela capital, passando para o sul do estado, depois norte do estado e sertão central, ou seja, uma total abrangência territorial do estado. Nesse sentido, Costa (2016, p. 46) diz que:

Com a criação das dioceses do Crato (Sul do Estado), de Sobral (Norte do Estado) e de Limoeiro do Norte (Vale do Jaguaribe), a Igreja visava o domínio territorial, [...] com esta ação, uma vez que, uma diocese, simbolicamente, representa um monumento, e ao mesmo tempo, um lugar sagrado, a Igreja garante o fortalecimento das condições estruturais para a formação do clero e ações pastorais de forma mais abrangente e eficaz, dentro dos conceitos da Cúria Romana, fortalecendo mais ainda, o processo de romanização no Ceará.

Este processo no Ceará, denominado de romanização, teve seu início em Fortaleza, com a criação do Seminário da Prainha, em 1864. Nessa lógica, Xavier (2011, p. 123) esclarece que:

A formação do Clero e da elite intelectual [...] ocupa um lugar de destaque, tendo o Seminário da Prainha, em Fortaleza, servido como um dos centros pioneiros de ensino confessional e de instrução sacerdotal, abrigando estudantes seminaristas do Ceará, Maranhão e Piauí. A formação de boa parte da *intelligentsia* cearense, a partir do epigrafado Seminário, estava baseada nas ideias do processo de romanização no Brasil e no Ceará em oposição às influências das ideias secularizantes advindas do continente europeu. Desse modo, as instituições católicas detinham o controle e a sistematização do ensino.

Esse projeto iniciado em Fortaleza foi ampliado para o sul do estado, com a criação da Diocese do Crato, tendo à frente, o seu primeiro bispo, Dom Quintino, e como secretário,

Padre Azarias Sobreira, que é o nosso segundo personagem, protagonista desta saga, composta de religião e educação.

## **PADRE AZARIAS EM SUA FORMAÇÃO SACERDOTAL E INTELECTUAL**

Padre Azarias nasceu no povoado de Juazeiro, em 1894. Fora batizado aos 4 dias de nascimento, sob as bênçãos de Padre Cícero, seu padrinho; crismado aos 24 dias; e a primeira comunhão aos nove anos, dirigida por Dom Quintino, seu grande mentor, amigo e futuro bispo do Crato.

Os rituais de sacramento por quais Padre Azarias passou, a saber: o batismo, primeiro sacramento cristão; a crisma, a confirmação do batismo; e a primeira comunhão, também chamada de eucaristia, que é recebida após a catequese. Estes rituais aconteceram às vistas de dona Carolina Sobreira, sua mãe; professora e dona de escola. Uma mãe devotada e atenta ao crescimento educacional e espiritual do filho, pois foi na sua escola, que Padre Azarias cursou o primário; e foi das leituras da mãe, que ele conheceu a vida dos mártires e a obra *Flos Sanctorum*, sobre a biografia dos santos.

A devoção materna de Carolina Sobreira, despertou muito cedo a vontade sacerdotal em Padre Azarias, em criança, de tal forma, que em suas brincadeiras, a que mais gostava era de ser padre, com todas as performances de um verdadeiro sacerdote: pregava, comungava e prestava caridade aos meninos mais vulneráveis; e afora o faz de conta, ele verdadeiramente ajudava nas missas. Esses fatos voltados à religiosidade, suscitam questionamentos quanto à vocação; ao poder da influência dos pais; e da religião em traçar o caminho de um indivíduo.

Padre Azarias, àquela época, tão logo iniciou seus estudos, já pensava no colégio, e pedia à mãe que lhe internasse logo no seminário, não queria que as coisas mundanas o fizessem mudar de ideia; e foi com esse querer, apoio e ajuda de Dom Quintino, então vigário do Crato, que se matriculou no colégio São Francisco, em Canindé, no estado do Ceará.

Sua passagem pelo colégio São Francisco foi rápida, ficou pouco, e logo foi transferido para o seminário de Fortaleza, por mérito e por deficiência financeira da própria instituição. Após os estudos completos no seminário de Fortaleza, já ordenado diácono, recebeu um convite para ser secretário de Dom Quintino, agora bispo da diocese do Crato. Em 1917, foi ordenado padre por Dom Quintino, e sua primeira missa, foi mesmo na cidade do Crato, depois Juazeiro e Milagres.

Em 1921, Padre Azarias dividiu o seu tempo pastoral com o educacional, quando assumiu o seminário São José, no Crato, até 1928, como diretor e professor. Ele foi um padre devotado, caridoso e generoso com os mais humildes, recebia em casa todos que necessitavam de pão e oração, e os deixavam dormir em sua humilde casa, quando necessário. Foi filólogo, possuidor de um vasto conhecimento da história eclesiástica; dos costumes; do adagiário e das origens cearenses; de um bom humor; de uma leveza de crítica dos costumes; e grande conhecedor da alma humana (BARROS; CASIMIRO, 1994).

Foi com as qualidades citadas no fragmento, que em 1929, no município cearense de Milagres, fundou duas sociedades beneficentes. Havia ido à Milagres por motivo de doença, como vigário, para repousar, em vez disso, criou a sociedade União Milagrense e sociedade Patrimônio dos Pobres; e ainda, a pedido de Dom Quintino, criou o Colégio de Santa Terezinha, promovendo o progresso intelectual de Milagres, com essas ações.

Depois disso, ministrou aulas no Patronato Juvenal de Carvalho da cidade de Cascavel, durante quatro anos; foi professor na cidade de Aracati, durante 15 anos, no colégio São José, Marista e Salesianas e na escola do comércio.

Nesse itinerário, chegou ao seminário de Fortaleza, em 1964, como morador, professor e escritor, quando da publicação “O patriarca de Juazeiro”, obra proibida, por muito tempo, pela Igreja e agora incentivada pelos superiores. Além desta obra, Padre Azarias escreveu Primeiro bispo do Crato; Monsenhor Tabosa, apóstolo do Ceará; Árvore genealógica da família; Um católico de Escola; Mensagem aos protestantes; Pontos de português; Sacerdote modelo; Tipos e sugestões; e Em defesa de um abolicionista. Entretanto, apenas duas obras estão disponíveis na vitrine literária, tanto física quanto virtual: a principal delas, intitulada O patriarca de Juazeiro (1969), uma obra que trata da biografia de Padre Cícero e dos fenômenos políticos, sociais e espirituais a ele ligados, escrita numa época de excomunhão e repúdio ao Padre Cícero, por parte da Santa Sé, sobre a alegação da religiosidade popular praticada e dos supostos milagres; a segunda obra, O primeiro bispo de Crato: Dom Quintino (1937), também biográfica, descreve a vida e obra de Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, o primeiro bispo da diocese do Crato.

Nesse período, Padre Azarias recebeu o título de Monsenhor e cidadão de Fortaleza, também foi acometido de osteofitose em quatro vértebras, vulgarmente conhecido como bico de papagaio, uma doença sem cura, que o tornou paralítico e vítima das dores; e uma pré-vítima da morte, esta, fora anunciada por ele próprio, que se cumpriu no dia 14 de junho de 1974.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs demonstrar e compreender as relações entre educação e religião com base em dois representantes da igreja católica, a saber Santo Agostinho, bispo de Hipona em Argélia, no contexto do século IV, depois de Cristo; e Padre Azarias, de Juazeiro do Norte do Estado do Ceará, Região do Nordeste brasileiro, no contexto do século XX. Restou plenamente validado que ambos, além de suas devoções à igreja e exegese católica, deixaram legado educacional significativo que permeiam e contribuem para as atividades educacionais atuais.

Ficou também consolidado, que a educação serviu à religião: aos interesses das instituições religiosas e aos seus representantes. Ela contribuiu para que líderes religiosos arrebanhassem novos discípulos; cooperou nas fundações de mosteiros, dioceses, seminários e colégios.

Esta liderança e conquistas religiosas remetem à dominação. No caso dos líderes religiosos, remete à dominação carismática, que se concretiza, segundo Weber (2003, p. 134-135), “[...] em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma) e, particularmente: a faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de oratória”. Não esqueçamos que o simbolismo e o imaginário campeiam a religião; e seminaristas bebem na fonte das sete artes.

No caso das conquistas das instituições religiosas, elas remetem à dominação legal. Este tipo de dominação, segundo o autor (2003, p. 128), funciona “[...] em virtude de estatuto. Seu tipo mais puro é a dominação burocrática. Sua ideia básica é: qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado corretamente quanto à forma”. Um exemplo deste modo de operação, são as impetrações de bulas papais.

As bulas ou cartas pontifícias emitidas pela Santa Sé e assinada pelo Santo Padre, autorizaram, no Brasil, a criação de dioceses e seminários. No Ceará, foram criadas nove dioceses: Fortaleza, Crato, Sobral, Crateús, Iguatu, Itapipoca, Limoeiro do Norte, Quixadá e Tianguá. Toda essa ação foi fruto do processo de romanização no Ceará, que foi expandido para o Sul do estado, com a criação do seminário e a diocese do Crato, cujo primeiro bispo foi

D. Quintino e seu secretário, Padre Azarias. Juntos, contribuíram para a reconstrução da história da educação do Cariri.

Acerca de Padre Azarias, ele pertenceu a uma temporalidade e espacialidade diferente de Santo Agostinho, mas suas histórias de vida se assemelham em muitos tópicos: pessoal, eclesial e educacional.

Ambos tiveram em sua infância, uma mãe religiosa e austera quanto a formação do filho. Elas, como professoras e cristãs, desde cedo, se preocuparam em educá-los para o mundo, principalmente, para o mundo espiritual.

Tanto Santo Agostinho quanto Padre Azarias buscaram cedo a formação intelectual e espiritual. Após o ensino inicial, logo partiram para outras cidades, mesmo com as dificuldades financeiras da família. Mas, contaram com a ajuda de amigos e bispos em suas jornadas. Àquele, contou com o apoio do bispo Valério, de Hipona; e este com a ajuda de D. Quintino, bispo do Crato, que os tornaram sacerdotes e adjutores.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus**. Trad., prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

\_\_\_\_\_. **De magistro**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1956.

\_\_\_\_\_. **De magistro**. São Paulo: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. Tradução de Maria L. J. Amarante. 2. ed. – São Paulo: Paulus, 2003.

ARANHA, M. L. A; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993.

ARAÚJO, R. **Centenário de nascimento de padre Azarias Sobreira 1894-1994**. Juazeiro do Norte, CE: IPESC, 1994.

BARROS, L. O. C; CASIMIRO, A. Renato S. de. **Sobre o centenário do padre Azarias Sobreira**. Revista do Instituto do Ceará – ANNO CVIII. Fortaleza: 1994. (p. 265-275).

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal) – 5. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.

BROWN, P. **Santo Agostinho uma biografia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ASTELO, P. A. **O Seminário da prainha**. Revista do Instituto do Ceará – ANNO LXXVII, p. 57-79, 1964.

COHN, G. (Org.). **Max Weber – Sociologia**. Trad. de Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COSTA, F. J. M. **Catolicismo e educação: A história da criação da diocese do Crato e a ação educacional de Dom Quintino no Cariri (1914-1929) / 2016**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza: UFC, 2016.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura... [et al] – São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Trad. e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção Leitura).

GAARDER, J. **O livro das religiões**. Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker. Trad. de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas. 2008.

HUME, D. **História natural da religião**. Trad., apres. e notas de Jaimir Conte. São Paulo: UNESP, 2005.

IANNI, O. **Pensamento social no Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2004.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Editorial Presença, 1976.

MONROE, P. **História da educação**. Trad. e notas de Idel Becker. 16. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

RUSSELL, B. **Educação e Sociedade**. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TOSCANO, M. **Introdução à sociologia educacional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

XAVIER, A. R. Educação, religião católica, cultura e memória no Ceará provincial (1864- 1891). In. SANTANA, José Rogério et. al. **Muitas histórias, muitos olhares: relatos de pesquisas na história da educação**. Fortaleza: UFC, 2011. (p. 123-136).

**Submetido em:** Março de 2018.

**Aprovado em:** Maio de 2018.